

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

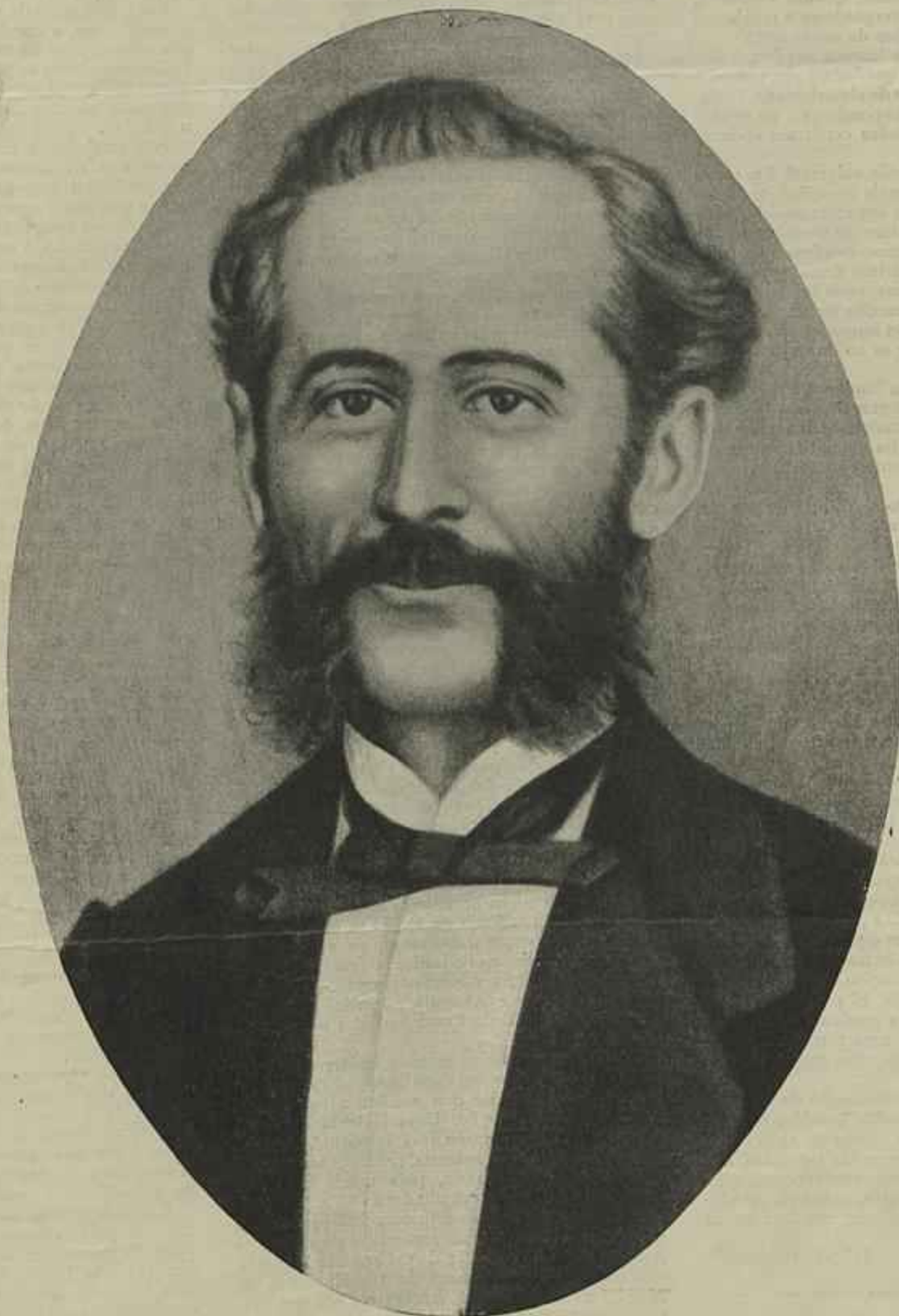
Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1159	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuário Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	645	120	10 de Março de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	645	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	645	120		

## Chronica Occidental

Todos nós devemos meditar bem nisto: que a Republica apenas principia o seu governo. Todas as atenções estão voltadas para o sol que nasce. As alvoradas foram sempre mais propicias do que os poentes. As proprias arvores e as proprias flores voltam as frentes e as corolas para léste. Todos os hymnos com que os pretos exaltam o sol, todas as odes com que o glorificam, representam-no a ascender matinalmente. A natureza mesma fez que o crepusculo da tarde não tivesse a mesma claridade e a mesma luz radiosa que ha no crepusculo das madrugadas. E' quando o sol desponta que por todo o espaço os passaros gorgeiam satisfeitos. A' tarde, quasi á noite, quando a treva desce, as aves emmudecem tristemente e, dentro em pouco, ninguem mais escuta o seu ligeiro roçar nos ninhos. Dormem tranquilas, em silencio, esperando a madrugada immediata. O culto ao sol que nasce é o culto do interesse humano. O sol nascente é o soberano; o sol no occaso é um destronado. Um traz consigo toda a força, todas as fulgurações, todas as energias dos heróes. O outro carrega com desillusões e as impotencias dos vencidos. Esta é a verdade.

A Republica, iniciando o seu governo em Portugal, é como o sol que nasce. Elle aquece e vivifica os seres, dá fulgurações ás coisas. Para que todos compartilhem dos seus raios bemfezjos, que todos se esforcem por acompanhá-lo na obra fecundante.

Que a Republica, desde os seus primei-



FRANCISCO DE ASSIS BELARD

UM DOS INICIADORES DA MODERNA GRANDE AGRICULTURA DA ILHA DE S. THOMÉ

ros dias de administração, faça da educação o seu problema maximo, o seu problema essencial, o embaçamento da sua obra! O erro capital da maior parte dos governos é crear instituições complementares sem ter creado as instituições fundamentais: crear serviços que, elles proprios, se organizariam sob a acção de homens esclarecidos, sem a intervenção do Estado, dos poderes publicos e abandonar a preocupação suprema, a preocupação mais alta, mais inulludível, mais intuitiva: — que é preparar o povo para ter iniciativa, para ter cultura, abandonar passividade modorrenta e ser activo e resolutivo, ter decisão, ter iniciativa e ter vontade.

Isso se faz de um modo unico: educando-o. E dessa educação não de resultar bens de todos os feitios e matizes, para o proprio povo, para a nação, para a patria.

Desde os costumes, desde os mais subtis motivos de felicidade, até á mais brutal e positiva preocupação contemporanea: o dinheiro. Nem é pelas reformas economicas e financeiras, nem é fundando certas instituições com que as nações civilizadas se coroom, que se têm melhorado as condições intrinsecas dos povos. E' educando-os, simplesmente. Nunca um analfabeto poderá comprehender, nem distinguir, nem joeirar valores diferentes. Nunca um inculto, no sentido absoluto da expressão, poderá colaborar no engrandecimento proprio, e menos ainda no engrandecimento colectivo. Será eternamente um musculo quasi inerte. Faltar-lhe-ha a acção do cerebro, do pensamento. E essa é a força motriz mais poderosa.



## A mão d'obra em S. Thomé

Não faltam as philosophias, as religiões, os creídos, as seitas, cada um dos quaes suppõe haver inteiramente resolvido o grande, o sempre momentoso, o esplendido problema da felicidade humana. Cada qual expõe os seus principios e os seus argumentos com maior ou com menor engenho, com mais ou menos arduosa habilidade. São como essas panacéas que os droguistas asseguram, nas columnas dos jornaes, capazes de curar todos os casos pathologicos. Bem poucos recommendam a educação como medida primordial. Bem raros vêem nella o fundamento indispensavel de qualquer, grande ou pequena, construcção. Ninguem, ao que parece, faz d'ella uma religião, uma philosophia, ou, quando mais não seja, uma modesta panacéa.

No entanto, entre essas muitas panacéas sociaes e philosophicas, de que anda, ha longo tempo, a humanidade a fazer uso, essa é, talvez, a unica que presta. Um homem educado vale bem por dez ou vinte — e quantas vezes mais! — que o não sejam. A grande força dos inglezes, dos allemães, dos norte-americanos não está nos seus regimens economicos, nas suas organizações administrativas, nos seus exercitos e armadas, no seu largo incremento industrial: está na sua educação.

Faça-se uma estatística seria, e ella nos dirá por columnas de algarismos, quanto é grande, quanto é triste, quanto é vergonhosa e tenebrosa a ignorancia das populações da nossa terra.

Dá-se o nome de hulha branca aos fortes jorros com que as grandes quedas de agua produzem a energia das fabricas de electricidade. Póde-se dar o nome de hulha imponderavel ao pensamento, á idéa, ás faculdades cerebraes esclarecidas.

O cerebro é o pivot da vida universal. Em torno delle giram todas as demais creações, todos os seres, todas as coisas. Se em cada espirito educado ha um potencial maior de decisão, de iniciativa, de resoluções, de empreendimentos, cada nação que tenha mais espiritos dessa ordem terá mais energias, mais riquezas, mais felicidades.

Para quem toma a direcção de um povo, no estado actual da civilização humana, não ha problema que possa sobrepor se ao da cultura desse povo.

A Republica portugueza implanta se num paiz onde os analfabetos em grande maioria, onde, na propria capital, esse analfabetismo é pavoroso, onde pelos montes ha gente de uma ignorancia anti-diluviana ou contemporanea do mammoth!

Ella deve sentir quanto é difficil dirigir um povo neste estado tão precario, tão rudimentar, tão primitivo.

Já Bacon lamentava que desde os seculos mais virtuosos e mais sabios até á época de então, as republicas cuidassem mais de fazer leis do que de dar educação. Kant entendia que o segredo do aperfeiçoamento gira em torno do problema da educação. La Rochefoucauld considerava a um segredo para a vida e um passaporte para a eternidade. Clemente XIV assegurava que se póde ser tudo ou nada, conforme a educação que se recebe. E Napoleão, com a experiencia que lhe davam as longas e agitadas peregrinações por mil terras, entre varios povos, surprehendendo varias civilizações com essa aprofundada observação de instituições e de homens que consultou de perto, que submetteu, que teve de vencer, até um dia ser vencido, Napoleão era tambem de parecer, não grado o seu espirito de luta e combatividade, que não é a golpes de clavamentos que se póde substituir a obra da educação.

Diz-se que todo o homem é professor de outro homem. Mas é preciso que os homens possam ensinar se mutuamente. E' preciso que a educação esteja diffundida e semeada. E' preciso que essa educação seja a legitima, a proficua, a dos saões, a dos melhores methodos, uma restauradora estimuladora das energias indecisas: arsenico, ferro strychnina.

A chronica não tem a presumpção de vir dizer coisas sabidas como se fôsem grandes novidades. Ellas não têm senão o effeito da agua molle em pedra dura, das propagandas repetidas, dos conceitos verdadeiros, muitas vezes renovadas. E' preciso sacudil-as muitas vezes, agital-as, proclama-las, defendel-as, recordal-as, dar lhes novas formas e novas forças.

JOÃO PRUDENCIO.



Um rapaz, num baile, suava por quantos póros tinha. Disse-lhe uma dama:

— Muito sua, senhor!

— Oh! muito seu, minha senhora!

Quando não bastasse para dar actualidade ao assunto de que vamos tratar, o livro ainda ha pouco publicado pelo sr. Francisco Mantero, e a que já ligeiramente aludimos em o n.º 1130 desta revista, *A mão d'obra em S. Thomé e Príncipe*, uma recente conferencia, feita ha dias pelo mesmo sr. Mantero na Associação da Agricultura Portugueza, sobre a dita mão d'obra, mais torna ainda momentoso este assunto que, deresto está agitando a opinião em Portugal e na Inglaterra, onde, neste ultimo país, se tem levantado uma campanha por parte dos produtores de cacau, no sentido de combater a importação deste genero da ilha de S. Thomé, sob o pretexto da sua cultura ser feita por escravos.

Essa campanha attingindo proporções que ameaçam a expansão comercial daquella florescente colonia, levou o governo portuguez, em 1909, a nomear uma comissão para estudar a mão d'obra colonial, de que fez parte o sr. Francisco Mantero, a quem o mesmo governo manifestou o desejo de que tomasse a seu cargo a parte relativa á provincia de S. Thomé e Príncipe, desejo tambem manifestado pelos membros da sub-comissão, pois que o sr. Mantero tinha a maior competencia no assunto, como grande conhecedor daquella colonia onde é um dos principaes proprietarios agricultores.

E' assim que aparece o livro *A mão d'obra em S. Thomé e Príncipe*, belo volume de 200 paginas, profusamente illustrado de gravuras com varios mapas, tabelas, estatisticas, tudo que elucida sobre aquella provincia, seu movimento agricola e comercial, com aquelle desenvolvimento que o sr. Mantero entendeu dever dar ao seu livro, e que elle explica, em uma carta, que o precede, dirigida ao sr. Dias Costa — então ministro da marinha e ultramar — no seguinte periodo:

«Pareceu-me, porém, que a especial questão da mão d'obra em S. Thomé, elevada á categoria de questão mundial pelas irritantes campanhas d'alguns inglezes pouco amigos, ou pouco conhecedores do nosso país, demandava mais esclarecimentos do que aquelles que se pódem conter num documento destinado a um fim geral, e que este era o momento oportuno de dizer alguma coisa em defeza da mais portugueza e da mais progressiva das nossas colonias.»

Assim, principiando por dar uma *Breve noticia historico agricola* da provincia de S. Thomé e Príncipe, desde o descobrimento da ilha, por João de Santarem e Pedro d'Escobar, em 21 de dezembro de 1471, e do principio da colonização por portuguezes, em 1493, descreve todas as vicissitudes por que passou esta colonia, quer com as guerras e invasões de holandeses e francezes que a saquearam, quer com outras calamidades, a que se juntava a dificuldade de falta de braços para os trabalhos agricolas, até aos meados do ultimo seculo, em que, afinal, se conseguiu um renascimento para as suas culturas, especialmente a do cacau.

Se até áquella época a luta e contratempos foram grandes, não foi menos trabalhoso o renascimento da colonia, particularmente, pela dificuldade de alcançar braços para os trabalhos do campo, não obstante todas as garantias e vantagens que se lhes davam e dão superiores ás de outras colonias.

Fôram quatro os principaes iniciadores do renascimento da colonia de S. Thomé e Príncipe, que esforçadamente trabalharam para o seu progresso economico e civilizador: Francisco d'Assis Belard, que foi na vanguarda, conselheiro João Maria de Sousa e Almeida, primeiro barão de Agua-Izé, Manuel da Costa Pedreira e José Maria de Freitas.

«Mas este primeiro grande esforço, — diz o sr. Mantero, — esteve em risco de sossobrar perante uma nova fatalidade que assolou a colonia, no começo da exploração. Uma violenta epidemia de variola, cujo germen fôra importado de Angola, alastrou pela provincia, produzindo estragos medonhos e eliminando, pela morte, a maior parte da população trabalhadora.»

A esta calamidade acudiu com tanto zelo como patriotismo, o governador geral da provincia de Angola, Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, enviando alguns milhares de trabalhadores de Angola para S. Thomé, tendo para isto que sustentar uma luta heroica e unica — diz o sr. Mantero — «contra as imposições dos funcionarios inglezes acreditados na provincia de Angola.»

Da numerosa correspondencia trocada entre aquellas entidades officias, o sr. Mantero destaca

para o seu livro tres documentos comprovativos das dificuldades que se opunham ao amanho das terras de S. Thomé.

E' preciso notar aqui, que os trabalhadores pretos eram contratados livremente e conforme as leis, mas isso era tido pelos funcionarios inglezes como insufficiente, insistindo em que os pretos iam trabalhar como escravos e não como homens livres, na provincia de S. Thomé.

Este excesso de zelo só com respeito aos trabalhadores contratados para S. Thomé, mais parecia opposição ao desenvolvimento daquella colonia, do que sentimento de humanidade, em querer obstar a uma escravatura que não se dava naquelles casos.

A luta que o governador Calheiros sustentou foi enorme, na defeza dos direitos da nação portugueza, mas por fim a Inglaterra impoz-se, e teve de ser substituido «depois de 17 mezes duma administração modelar, por mais de um titulo gloriosa para o seu nome e util para a nação; a emigração ficou reduzida, a principio, a dez emigrantes por cada navio e, afinal suprimida por completo!»

Entretanto, o auxilio do governador Calheiros contribuiu para animar os iniciadores das culturas, que por sua parte animaram novas iniciativas, com que se lhes deu notavel impulso.

Em 29 de abril de 1875 é promulgada a lei que acabava com a condição servil do preto, em todos os dominios de Portugal, e as autoridades de S. Thomé foram as primeiras a dar cumprimento a essa lei, «produzindo-se immediatamente o êxodo dos trabalhadores das roças livres e libertos para a cidade.»

Isto estabeleceu uma nova crise entre os agricultores pela falta de braços, pois os trabalhadores preferiam entregar-se á vadiagem pela cidade, de que ainda agora existem alguns conhecidos como *fórros gregorianos*.

Começa então o segundo periodo das culturas até a actualidade, periodo em que se desenvolvem as plantações de cacau e que representa, seguramente, o de maior esforço para desbravar florestas num trabalho gigantesco.

Cabe aqui dizer que do abandono das roças pelos trabalhadores em occasião da colheita do café, que era então a maior cultura, resultou a perda da produção daquelle anno e do seguinte, pela circumstancia do fruto não colhido impedir a floração. A perda destas duas colheitas mais agravou a situação dos agricultores lutando com falta de capital e de braços, a que se juntava as dificuldades do credito num estado ainda embrionario, como diz o sr. Mantero.

Apesar destas contrariedades, seja dito para honra dos agricultores, nenhum aceitou a indemnização que a lei da emancipação determinava que fosse paga pelo Estado aos proprietarios.

A completa abolição da escravatura nos dominios portuguezes, devia trazer uma nova era de prosperidade para a colonia de S. Thomé, que só o que pretendia eram braços para trabalhar livremente, proporcionando-lhe todas as comodidades compatíveis de tratamento humano e retribuição garantida.

Procuraram os agricultores de S. Thomé recrutar trabalhadores em todas as terras de Africa, chegando até á Liberia onde contrataram em Acrá 2:500 homens, nos annos de 1875 e 1876, mas logo que esta emigração se principiou a firmar, «pelas boas noticias que do tratamento recebido em S. Thomé e Príncipe levaram ás suas terras os primeiros kromanos regressados á patria, a companhia inglesa de navegação recusava receber e transportar novos emigrantes, constando que essa resolução era tomada sob a pressão dos carregadores inglezes, que ameaçaram, dizia-se então, não mais embarcar as suas mercadorias n'aquelles vapores, se não suspendessem o transporte de trabalhadores para a nossa colonia.»

Como se vê, continuava, como continua, a má vontade dos comerciantes inglezes pela nossa colonia de S. Thomé e Príncipe, má vontade que chegou ao ponto de as autoridades inglezas de Serra Leoa apresarem um navio que, legalmente habilitado, partiu de S. Thomé para transportar trabalhadores contratados na Liberia!

A injustiça deste apresamento foi depois reconhecida pelo tribunal do Almirantado de Free-town da colonia de Serra Leoa, por sentença do juiz Horatio James Huggim, o qual no fim da dita sentença lavrou: «... encerro esta causa, exprimindo a minha opinião de que o apresador deixou de fundamentar o seu libello, e os reclamantes fundamentaram a sua contrariedade e que a minha sentença deve ser conforme o pedido na contrariedade, restituição do brigue *Ovarensé*, e de todos os seus pertences e aparelho,



e das mercadorias existentes a bordo, e dos dois rapazes de Kroo, que ainda existem, e que se allegava serem escravos, com indemnizações por perdas e danos e despesas contra o apresador para por elle serem pagas aos armadores e tambem ao afretador do navio, com todas as custas do processo, e nesta conformidade julgo»

E' sempre a campanha inglesa contra a colonia de S. Thomé, dificultando a emigração de trabalhadores para aquella ilha, que se tem oposto ao maior desenvolvimento das suas culturas.

E' curioso o seguinte facto apontado no livro de que nos estamos occupando:

«... por ultimo, desde que ha pouco mais de um anno iniciámos de um anno a emigração de trabalhadores da nossa provincia de Moçambique, não ha calumnia com que os interessados na emigração para o Transvaal não tenham procurado transtornar a cabeça dos pretos moçambicanos, para que não vão a S. Thomé, pré-gando-lhes toda a casta de horrores, desde a eterna cantilena da escravidão e do espantoso trabalho dos mares portos celosos e encapelados a percorrer, onde os navios são engulidos com tudo e todos quanto nelles embarcam, até ás mutilações que transformariam em desnarigados, desorelhados, coxos e mancos, os ingenuos que se arriscassem a ir para a nossa ilha!»

E' espantoso!

Mas a tenacidade dos agricultores de S. Thomé tem sido superior a todos os entraves á sua expansão, e ainda o livro regista o facto da occupação efectiva da região povoada pelos Angolares, povos selvagens, que por mais de tres seculos resistiram ao convívio da civilização. Foi Matheus de Sampaio que, tendo comprado grande extensão de terrenos occupados pelos Angolares, levou a cabo a referida occupação com uma coragem não inferior á firmeza do seu proposito, auxiliado por alguns companheiros tão destemidos como elle. Dessa conquista resultou o arroteamento daquellas terras, onde fez importantes plantações, estabelecendo as vias ferreas e firmou a soberania portugueza sem o Estado nada dispendere. Assim conseguiu aumentar as culturas do cacau naquella parte sul da ilha, tornando por fim os Angolares doces e valiosos auxiliares da agricultura de S. Thomé.

Outro facto significativo refere o livro do sr. Mantero com respeito a um tratado mixto, de soberania e protectorado de Portugal, realizado entre o governador da provincia sr. Custodio Miguel Borja e o principe Conhodu do Dahomey, sobre o prolongamento do porto de Adra até á fortaleza de S. João Baptista incluído o porto de Adra e restante costa marítima de Dahomey.

Este tratado abriu uma nova fonte de emigração para S. Thomé, a qual se elevou a 716 trabalhadores. Mas o tratado celebrado pelo governador Borja, e aprovado pelo governo de então, de

que fazia parte Pinheiro Chagas, como ministro da marinha, pelo decreto de 29 de dezembro de 1885, pouco tempo vigorou.

«O ministerio d'então foi substituído por outro, entrando para a Marinha e Ultramar Henrique de Macedo, depois conde de Macedo, e por decreto de 19 de dezembro de 1887, por elle referendado, era posto de parte o tratado de Aguanzum, e com elle todas as vantagens que aquelle

ram ali trabalhar. Fôram estes que repatriados levaram para as suas terras, com a educação agricola e habitos de trabalho, plantas e sementes dos frutos cultivados na nossa colonia, e com estes elementos constituíram a base de futuras plantações que enriqueceram seu país.

Esses semi-selvagens vindos das colonias inglesas e alemãs de Acrá e de Camarão para lá voltaram em condições de fomentar a riqueza daquellas colonias, donde se conclue que o trabalho dos agricultores de S. Thomé não aproveitou só para formar este império do cacau, mas tambem para formar o inglês da Costa do Ouro e o alemão da Bahia dos Biafras, onde, aliás, a cultura do cacau era ainda desconhecida em 1875.

O livro do sr. Mantero apresenta o seguinte calculo da exportação feita pelos tres impérios do cacau, em 1909.

S. Thomé e Príncipe, 30.261.000 kilos; Acrá, 18.913.649 kilos; Camarão, 3.000.000 kilos.

Isto explica claramente a influencia civilisadora e economica da colonia de S. Thomé sobre aquellas colonias estrangeiras, e como os nossos agricultores forneceram armas com que hoje os pretendem fusilar.

De um dos mapas que acompanham o livro de que estamos tratando extraímos os seguintes numeros que mostram a importancia das culturas das ilhas de S. Thomé e Príncipe: Superfície cultivada 120.000 hectares. Serviços 39.533. Menores, filhos de serviços 6.987. Produção de cacau 28.728.000 kilogramas. De café 1.610.700 kilogramas. Linhas ferreas 285,5 kilometros. Caminhos carreiros, 304 kilometros. Caminhos de pé posto, 677 kilometros.

Este mapa só se refere ás produções de café e cacau como as mais importantes da colonia, pondo de parte outros productos da agricultura que não vem para o caso de que se trata.

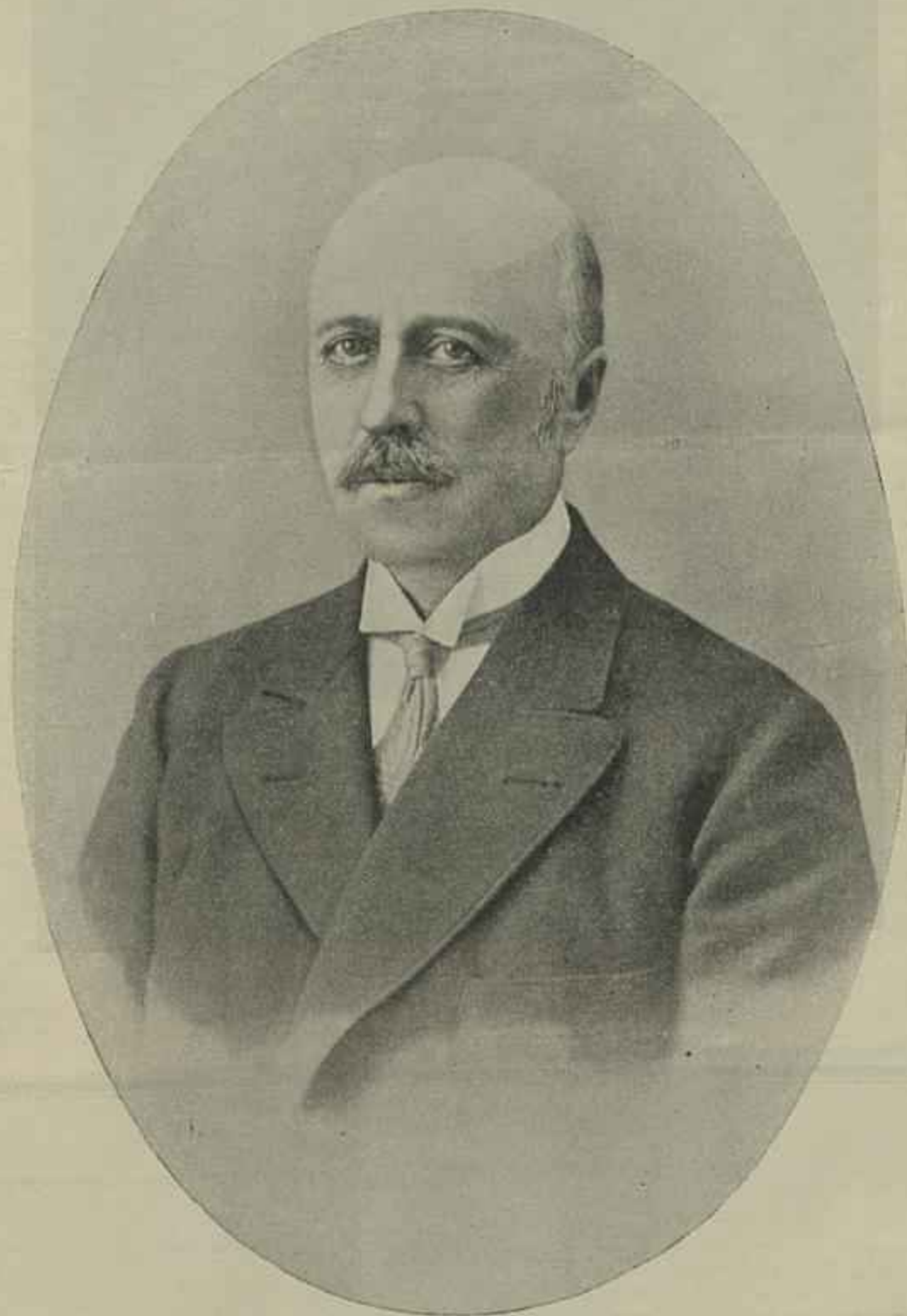
De uma das estatísticas insertas no livro vemos que a exportação nos ultimos dez annos contados de 1900 a 1909 se elevou

a réis 68.119.854\$931 contos de cacau e a 4.490.781\$880 contos de café, ou seja o total de 72.610.636\$881 contos, o que dá a média de 7.200 contos annuaes trazidos á vida economica do país.

Escusado é encarecer a importancia deste facto.

Continuando na apreciação do livro *A mão d'obra em S. Thomé e Príncipe*, nelle encontramos devidamente documentados, pontos de comparação sobre o tratamento e garantias dadas aos trabalhadores desta colonia portugueza e as colonias inglesas do Transvaal e outras. O resultado dessa comparação é em tudo favoravel á colonia de S. Thomé.

O que neste livro diz o sr. Mantero sobre este ponto, é reforçado pelo testemunho insuspeito de estrangeiros que tem visitado as roças das ilhas de S. Thomé e Príncipe e nellas permanecido até



S. A. O PRÍNCIPE ALFRED DE LÖEWENSTEIN WERTHEIM-FREUDEMBERG

QUE VISITOU AS ILHAS DE S. THOMÉ E PRÍNCIPE, EM JANEIRO DE 1910

acto diplomatico outorgava a Portugal e á provincia de S. Thomé. Pouco tempo depois a França, livre de embaraços, conquistava o Dahomey incorporando no seu dominio colonial aquillo que nós tinhamos abandonado, e a nossa fortaleza de S. João Baptista de Ajudá ficava encravada em territorio francês!»

Levar-nos-hia longe se fôramos a respigar do livro *A mão d'obra em S. Thomé e Príncipe*, tudo que respeita ao regimen agrario desta provincia e tem constituído a grande luta de seus agricultores.

Mais que suficiente fica exposto para provar essa grande obra tão patriótica, de riqueza para aquella colonia como de engrandecimento para Portugal.

Prova-se que S. Thomé e Príncipe tem servido de escola agricola e civilisadora dos semi-selvagens que, da Liberia, de Acrá e de Camarão, vie-



temporadas, observando todos os trabalhos e a forma por que são tratados os serviços.

Neste numero contam-se S. A. o Príncipe Alfred de Löwenstein-Wertheim-Freudenberg e seu companheiro de viagem Wilhelm Kemner, director das plantações do cacau da colonia do Camarão.

Estes illustres visitantes, em uma carta dirigida ao sr. Francisco Mantero, expressam-se nos seguintes termos:

«Lisbonne, le 16 de février, 1910.

Monsieur

«Avant l'intention de visiter notre colonie allemande du Kameroun sur la côte occidentale de l'Afrique, tout naturellement nous venait l'idée de visiter les belles colonies portugaises qui se trouvaient à proximité de notre route, et que nous offraient un vif intérêt pour pouvoir apprécier de près la terre natale de nos cultures de cacao de Kameroun. Nous avons donc profité avec grand plaisir de l'aimable invitation que vous, Monsieur, et vos amis ont bien voulu nos adresser.

«Rentrant de notre voyage nous avons à coeur de vous remercier très sincèrement de l'excellent accueil, et de la grande hospitalité que nous avons trouvés chez vous.

«Pendant notre séjour nous avons eu l'occasion de visiter les plantations Rio d'Ouro, Boa Entrada, Agua-Izé, Monte Café, Porto Real, etc. Nous connaissons déjà par réputation l'importance et la fertilité unique de ces deux perles parmi les colonies portugaises, mais nous confessons que nos prévisions



FRANCISCO MANTERO,

AUTOR DO LIVRO «A MÃO D'OBRA EM S. THOMÉ E PRÍNCIPE»

ont été bien surpassées. Vos plantations peuvent servir de l'exemple pour nous autres cultivateurs. Nous reconnaissons avec grand plaisir qu'une activité infatigable et une intelligence visible ont produit des résultats tout à fait surprenants. Il faut relever surtout la manière magistrale comme le planteur portugais a su instruire le nègre aux travaux culturels. Les bons résultats de votre système se voient dans la manière comme le nègre se prête au travail avec aptitude et bonne volonté évidente. Partout où nous étions nous avons observé des conditions, qui sont à désigner comme modèle sous tous les rapports. Nous apprécions surtout les mesures efficaces que le gouvernement portugais a appliqué à la question de l'ouvrier nègre.

«Les bonnes impressions que nous gardons de cette visite de St. Thomé et Príncipe comptent parmi les plus agréables de tout notre voyage.

«En vous exprimant encore une fois nos remerciements les plus chaleureux, nous vous prions de bien vouloir être notre intermédiaire auprès de vos amis et d'agréer, cher Monsieur, l'assurance de notre parfaite considération.

(aa) Alfred Prince de Löwenstein-Wertheim-Freudenberg.

Mas ha ainda mais, como se já o testemunho do tenente coronel inglês do exercito indiano, J. A. Wylie, que se manifestou um grande amigo de Portugal, e tendo visitado a colonia de S. Thomé, sahio na imprensa inglesa a defender os roceiros das acusações que no Times eram formula-

das por Nevinston, Cadbury e Burt sobre o sistema da mão d'obra ou regimen seguido com os serviços.

Finalmente, a leitura que fizemos do livro *A Mão d'Obra em S. Thomé e Príncipe*, não deixou duvida em nosso espirito da justiça que assiste aos agricultores de S. Thomé, e de quanto são falsas todas as acusações feitas, só formuladas de má fé num jogo de interesses que desta forma os interessados melhor tentam defender.

#### A conferencia

Para quem conhece o livro *A Mão d'Obra em S. Thomé e Príncipe*, para o leitor que lê o que sobre este livro fica dito, seria fatigante fazer um detido extracto da bela conferencia do sr. Mantero, a que no principio deste artigo nos referimos, sobre o mesmo assunto.

Entretanto, alguns pontos merecem que convem frisar para completo esclarecimento da questão.

Sendo a repatriação dos indigenas um dos motivos apontados para a campanha de difamação, o sr. Mantero, demonstrou ao auditorio com documentos a forma porque se faz essa repatriação, declarando que o agricultor não pôde nem deve obrigar os indigenas a repatriarem-se quando elles não querem, pois se encontram bem, o que prova o bom tratamento que recebem. O contrario, é claro, seria expulsal-os e privar a agricultura de braços afeitos ao trabalho, para os entregar ao *interland*, onde de facto existe a escravatura, pois ainda ali não chegou a influencia de nenhum povo civilisado.

O sr. Mantero formulou a seguinte pergunta: «porque não se exige a repatriação dos indigenas de Angola?...» e elle mesmo responde depois de breve pausa: «é porque lá não se cultiva o cacau?...»

O sr. Mantero refere-se eloquiosamente á conferencia que, dias antes, fizera o sr. Thomaz



WILHELM KEMNER, DIRECTOR DAS PLANTAÇÕES DA COLONIA ALEMÃ DE CAMARÃO, QUE VISITOU AS ROÇAS DE S. THOMÉ E PRÍNCIPE, EM JANEIRO DE 1910

Cabreira e concorda plenamente com a proposta daquelle senhor sobre o contrato dos conjuges e regulamento holandês sobre a repatriação. Cita, a proposito, o regulamento português de 1909, o qual estabelece que, «nenhum contrato possa ser renovado sem o parecer do governador da colonia, o do curador e sem a affirmação de editaes, com prazo minimo de 7 dias, designando-se a hora e o local onde se vão realizar os contratos».

O conferente pede regulamentos por ventura mais rigorosos, se é possível, contanto que garantam a corrente de trabalhadores, necessarios para conservar o que existe e fomentar o progresso da colonia, que é urgente.

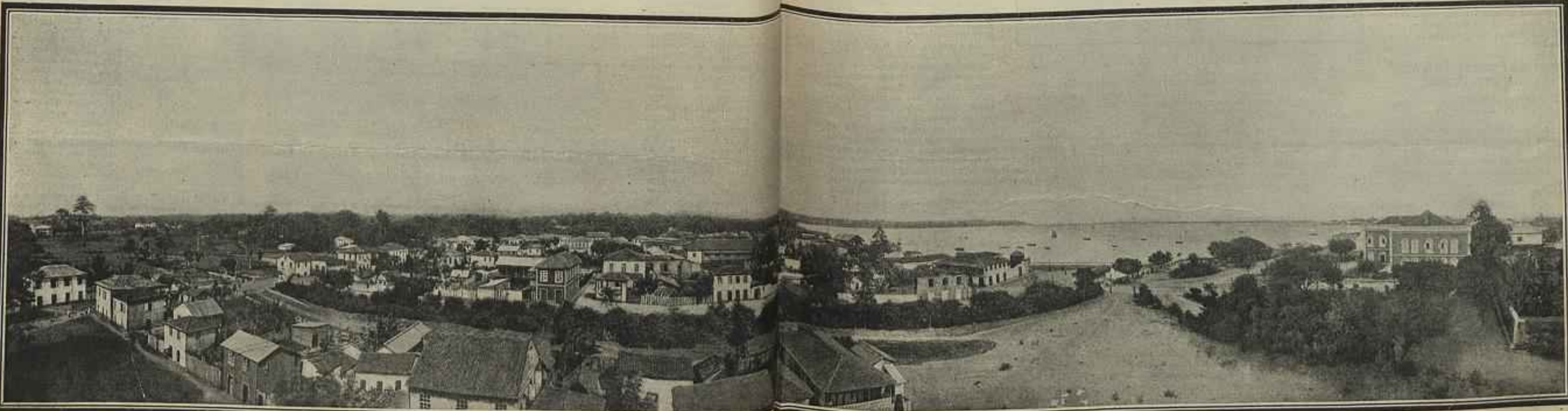
Não se pôdem fazer declarações mais francas nem mais sinceras.

Tratando da campanha de difamação, diz que ella principiou por 1902-1903, coincidindo com a baixa do preço do cacau, que aficou grandemente os produtores da ilha da Trindade que tinham um stock de 20 milhões de kilogramas daquelle genero. Não podendo concorrer com o preço do cacau de S. Thomé, procuraram a razão disso em a mão d'obra deste ser feita por escravos e assim iniciaram a campanha de difamação que tem corrido a Europa e chegado até á America.

Nesta campanha tem tomado parte Cadbury, proprietario de roças da ilha da Trindade, Davison, Burt e Pienar, o general boer que Portugal recebeu amistosamente, e que afinal pretendia conquistar Angola e ali formar uma republica, procurando organizar um exercito para esse fim, o que o governo inglês impediu.

São estes defensores da suposta escravatura que o sr. Mantero desmascarou severamente com documentos de que deu conhecimento á assembleia.

Referiu-se á propaganda de Burt na America e do entrave que lhe poz o coronel Wylie,



VISTA PANORAMICA DA CIDADE DE S. THOMÉ E PRÍNCIPE, SENDO-SE Á DIREITA O PALACIO DO GOVERNO



a que já nos referimos, só com a sua presença em uma conferência, de que resultou Burt fazer o maior elogio aos portugueses.

Cita também o que a respeito desta questão disse o ministro dos estrangeiros de Inglaterra, e que não podia ser mais favorável ao nosso país. Refere-se mais ao livro recentemente publicado por Johnston, *O negro do novo mundo*, em que este declara que a clonía de S. Thomé é o paraíso dos pretos.

Vae longa esta apreciação, nós, porém, folgamos de, nas paginas desta revista, concorrermos para a publicidade destes factos, na defeza de uma questão tão patriótica, quanto importante para a vida economica do nosso país.

Não terminaremos sem salientarmos o grande serviço que o sr. Francisco Mantero tem prestado tomando a defeza desta causa que tanto interessa aos agricultores de S. Thomé, como ao nosso país, pois é hoje o seu mais importante commercio.

CAETANO ALBERTO.



## Associação Scientifica Internacional de Agronomia Colonial

A 19 de março de 1906, em Paris, occorreu a reunião da primeira assembleia d'esta notavel instituição, cujo primeiro presidente foi o distincto homem de sciencia e de Estado, Mr. De Lanessan, auctor de obras valiosas entre as quaes, n'este momento, está diante de mim, a — *La Botanique*.

Ao presente, acha-se investido na sua successão, para o periodo de 1910-1915, o professor não menos illustre, Dunstan.

Os estatutos da Sociedade comprehendem vinte e quatro artigos, distribuidos por cinco titulos.

Leva a effeito, com regularidade, reuniões internacionaes e congressos de agronomia colonial e tropical, também internacionaes. O segundo, d'estes, realisou-se em Bruxellas, de 20 a 23 de maio do anno preterito e o terceiro deverá reunir-se em Londres, no proximo anno.

Para que os leitores possam formar uma ideia nitida e completa do alto alcance do pensamento que presidiu originariamente á fundação d'esta Associação, que ainda acompanha e orienta, vou pôr-lhes á vista os tres seguintes documentos, que falam melhor do que toda a prosa noticiosa:

### Aperçu sur le Programme général du Travaux que se propose l'Association

Dressé par l'Assemblée constitutive du 19 mars 1906

1.º — Etablissement de relations scientifiques entre personnes portant intérêt aux progrès de l'Agriculture coloniale (échanges d'idées, de publications, de matériaux de travail).

2.º — Etablissement d'un répertoire et tenu au jour le jour de la Bibliographie relative aux sciences agronomiques coloniales.

3.º — Organisation de Réunions internationales, avec publication des travaux présentés et discutés dans ces réunions.

4.º — Exécution de travaux scientifiques comparés et internationaux sur diverses questions d'Agronomie coloniale, suivant les plans de travaux discutés entre les Membres de l'Association. Etablissement de rapports résumant les résultats de ces travaux; discussion et publication de ces résultats.

Sans limiter le cadre de ces travaux, sont particulièrement visées les études sur les cultures, les plantes économiques spontanées, l'origine, la constitution, les usages des productions naturelles, l'application des engrais aux cultures, les maladies des plantes utiles, l'élevage et les maladies du bétail, l'hygiène du colon, les statistiques relatives aux cultures et productions.

### Extrait du règlement intérieur

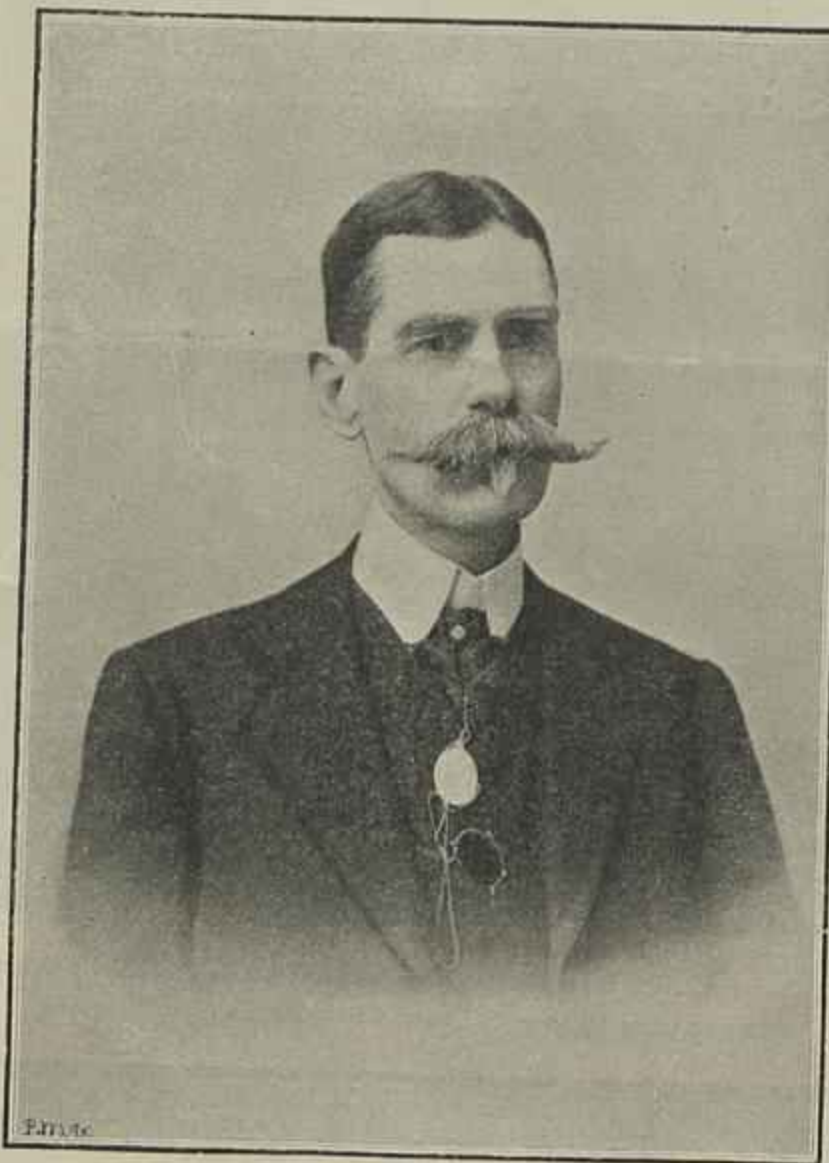
Décision de l'Assemblée constitutive tenue à Paris, le 19 mars 1906)

**Cotisations des Membres de l'Association.** — Conformément à l'article 13 des Statuts, l'Association comprend des Membres Adhérents, des Membres Fondateurs et des Membres Donateurs.

Les Institutions et Sociétés diverses peuvent être admises comme Membres de l'Association et sont assujetties au paiement des cotisations.

La cotisation annuelle des Membres de l'Association est fixée à:

Quinze francs pour les Membres Adhérents et à Cent francs pour les Membres Fondateurs.



J. A. WYLLIE T. R. G. S.

TENENTE-CORONEL REFORMADO DO EXERCITO INGLÊS DA INDIA, DEFENSOR DE PORTUGAL NA IMPRENSA INGLESA E NORTE-AMERICANA, NA QUESTÃO DA MÃO D'OBRA DE S. THOMÉ

Les Membres Fondateurs ont la faculté de racheter leurs cotisations par deux versements consécutifs de Cinq cents francs.

Sont Membres Donateurs les personnes ou groupements faisant don à l'Association, en un seul versement, d'une somme minima de Mille francs.

### Programme général des «Travaux en Cours»

Décisions prises par le «Bureau international» au cours du deuxième congrès international d'agronomie coloniale et tropicale tenu par l'Association, à Bruxelles, du 20 au 23 mai 1910.

I — Continuation d'enquêtes générales et internationales sur les sujets suivants:

La Main-d'œuvre agricole dans les Colonies et les Pays tropicaux.

Les Facteurs essentiels de l'Acclimatement du Bétail européen dans les Pays chauds.

L'Alcoolisme dans les colonies et Pays tropicaux.

Les Plantes caoutchoucifères.

Publication de documents et rapports relatifs aux questions ci-dessus.

Etude projetée.

Enquête générale et internationale sur le Riz.

II — Nomination d'une commission internationale permanente du caoutchouc.

Sur la proposition de plusieurs de ses membres et des Représentants des pays intéressés, le Bureau international a décidé la création d'une Commission internationale permanente du Caoutchouc.

Cette Commission sera ultérieurement nommée par le Bureau international et comprendra un Représentant de toutes les Nations intéressées aux progrès des études scientifiques et industrielles sur les caoutchoucs. Elle aura pour mission d'arrêter le programme des travaux de l'Association, touchant le Caoutchouc, et de faciliter, par tous moyens en son pouvoir, leur execution.

III — Prochaines Reunions internationales, provoqués par l'Association.

Deuxième Reunion internationale, en 1911, à Lisbonne (voyage d'études à Madère et aux Iles du Cap-Vert) ou à St Petersburg (voyage d'études en Asie centrale).

Troisième Congrès international d'Agronomie coloniale et tropicale, à Londres en 1912.

Troisième Reunion internationale, en 1915, à Madrid, à l'occasion de l'Exposition internationale des Républiques américaines de langue espagnole.

D'este ultimo parographo, transcripto precedentemente, fica-nos a agradável impressão de que a nossa formosa capital foi escolhida, em Bruxellas, para local da segunda reunião internacional da Associação, no anno corrente.

Sejam bem-vindos os estudiosos estrangeiros que a hão de organizar e constituir, honrando com a sua presença este paiz colonizador, ao qual importa valorisar todos os trabalhos scientificos de applicação prestimosa, no proprio campo experimental que as colonias representam.

Acabo de percorrer oito volumes, contendo publicações relativas ao alcoolismo, ao trabalho braçal, a especialização de jardins botanicos a fins de agricultura, a factores essenciaes de acclimação de gado europeu, nos paizes tropicaes e nas colonias, obedecendo a um plano sensato de «inquerito» e desenvolvendo-se magistralmente pela penna competente de auctoridades proficientissimas.

Na verdade, após o quadro exposto, tecer agora o elogio da Associação e recomendar-lhe o acolhimento, a que ella se demonstra com direito incontestavel, seria da minha parte redundancia estulta e simultaneo assérto descabido para um publico illustrado.

Cumpre-nos aproveitar, não só para as colonias portuguezas mas também para os terrenos da metropole, todas as lições da experiencia no tocante a agronomia e cultura productiva, unica fonte authentica da riqueza e prosperidade publicas em nação como a nossa, accentuadamente caracterizada e destinada pela Natureza ao salutar esforço de vida agricola e da lavoura.

D. FRANCISCO DE NORONHA



Um Rembrant (Romance original), por Modesta (Mafalda Mousinho de Albuquerque)—Lisboa—Livraria Ferreira.—Este romance, que constitue um volume de formato pequeno e abrange 265 paginas de texto, incluindo algumas em branco, é acompanhado pelo retrato da autora, a qual, na realidade, mostra competencia de analise e



poderá, um dia, figurar com justiça na galeria das melhores literatas deste nosso tempo.

No volume aludido, estão enfeitadas com verdade, em típicas individualidades, do romance mas não menos da vida real e de todos nós conhecidas em exemplares numerosos, as qualidades de mérito e de demérito que caracterizam o meio social e que dois rifeões populares correntios resumem com profunda sabedoria moral:

«Cautella e caldo de galinha nunca fizeram mal a doentes.»

«Nem tudo o que luz é ouro.»

Esta salutar filosofia insinua-se, na leitura do romance, que em duas irmãs de genios opostos, uma digna e honesta, e outra leviana e extravagante, conduz á seguinte conclusão logica e segura:

«Deve amar-se o bem, e ser-se util ao proximo.»



## A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1158)

«Das pequenas coisas que não podia vêr, passei a adivinhar as grandes coisas, que não me atrevia a fixar, até que por fim cheguei a saber tudo! Todos os castellos que formei, se desmoronaram, as minhas illusões morreram, julgando que teria acabado o mundo para mim! Ninguém se lembrava já da pobre Ruth!...

«Desculpe, capitão, desculpe esta fraqueza de mulher ferida. Fazia mal em o julgar como os outros, e que se teria esquecido da sua promessa.»

— Não me esqueci, não, miss, e algumas vezes disse a Peter Bligh: «Talvez miss Ruth se ria de mim quando eu deixar a ilha e volte para bordo; mas quem sabe? ainda que as probabilidades são mil contra uma, quem sabe se necessita do meu fraco prestimo?»

«Quando vi a ilha de Ken pela prôa do *Cruzeiro do Sul*, disse-me elle: «Pela apparencia que tem, parece um Paraíso, e comprehendo que um homem rico estabeleça aqui a sua residencia. E' uma terra magnifica, um verdadeiro jardim no meio do Oceano Pacifico.»

«Veja, miss, quanto eu estava afastado da verdade; que pouco sabia ser isto um carcere cujas portas, se Deus nos ajudar, abriremos dentro em breve.»

Ruth ficou silenciosa por alguns segundos, e os seus olhos pareciam esquadriñar toda a ilha, que tinha ainda os montes e valles cobertos de nevoeiro.

— Que é feito do navio que naufragou hontem á noite, Jasper?

Enfiei-lhe o meu braço pelo d'ella e levei-a até á borda do rochedo que dava para o mar e d'onde podiamos vêr perfeitamente o recife do Peixe-espada, bem como as ruinas carbonizadas do bungalow lá no coração da ilha.

Acabára de amanhecer por completo, e este amanhecer fôra tão rapido e tão bello, como costuma ser em todo o Pacifico.

As ondas, illuminadas pelo sol, chegavam quasi até nossos pés. As rochas que coroavam os pincaros

da ilha da morte, brilhavam com luz sobrenatural.

O *yacht* de Czerny, tão bonito como se fôsse uma pintura, continuava ancorado a Este. As lanchas, dando voltas e reviravoltas em torno d'elle, pareciam uma matilha de rafeiros rastejando em volta do dono. Contei doze, e cada uma a trasbordar dos seus vis tripulantes.

Mas nenhum se atrevia a subir.

— O navio — disse eu, — está no mesmo sitio onde teem ido parar muitos outros, a dois mil metros de profundidade, junto d'aquelle recife. Esta noite, durante a minha vigia, ouvi gritar a sua tripulação como feras acossadas pela fome. Os que não estão já dormindo, fôram acampar para a praia. Contei nove d'elles ainda não ha meia hora.

— São homens e mulheres, naturalmente!... Oh! Jasper, pense bem! Mulheres!...

— Tenho estado a pensar n'isso ha uma hora, desde que lhe fiz signaes pela primeira vez. De alguma coisa deve servir ser marinho, quanto mais não seja, para falar de longe com as pessoas quando são mudas.

«Se perceberam bem o que lhes disse, não se ficarão a dormir na ilha esta noite; mas duvido que se atrevam a vir até aqui. — Pobre gente! A situação em que se encontram é horrorosa!...»

— A nossa, Jasper, não é melhor. Os senhores são homens valentes, e teem confiança na gratidão d'uma mulher. Mas quando chegar meu marido, que lhe dirá o senhor? Elles são cem, e nós somos apenas cinco e presos n'este carcere submarino. Poderemos viver aqui, toda uma eternidade, sem que nos venham socorrer. Até poderemos morrer! Ha coisas de que não me quero lembrar nem desejo falar. Mas, oh! Jasper, se pudessemos salvar essa gente!...

Era assim que Ruth pensava, sempre nos outros, sem se lembrar de si. O que ella que-

ria dizer com aquellas duas palavras não se querer lembrar nem falar, não adivinhava eu, mas afigurou-se-me que se queria referir aos corredores interiores da casa submarina e aos perigos desconhecidos contra os quaes tinhamos fechado as portas de ferro.

Aquelle mysterio preocupava-me bastante, mas não lhe disse nada.

O certo é, que tentando enganar-nos um ao outro, abstinemo-nos de falar d'aquelle perigo.

— Miss Ruth — disse eu, falando pausadamente — os naufragos teem uma lancha, que poderá vêr varada ali, na areia. Que tenham forças para a pôrem a nado, e é possível que em tal caso, eu e Dolly Venn, façamos a diligencia para que elles cheguem até nós.

«Então seremos treze homens, e muito tinha que rir do agoiro d'esse numero. Não lhe occultarei que somos demasiado poucos, para fazer frente á horda numerosa de Czerny. Seu marido tem-os isolados do *yacht*, está percebido. Que refugio resta então áquelles bandidos? A ilha, só. Não pôdem lá ir e affrontar a epidemia do somno, como o teem feito muitos homens honrados antes d'elles.

«Quando se virem apoquentados, terão de dizer alguma coisa a Czerny. A nossa situação é má, é, mas não a trocava hoje pela de seu marido, nem que me dessem todo o oiro que ha em Londres. Czerny não tornará a vêr uma cidade civilizada nem que viva cem annos.

— Seria a justiça de Deus! — exclamou Ruth passado um momento e pondo os olhos no céu. — No mundo faz-se sempre justiça, Jasper. Seja o que fór que me espera, fico satisfeita por saber que sempre cumpro o meu dever, como o senhor está cumprindo o seu.

— Não falemos agora d'isso — retorqui. — A manhã está nublada mas logo apparecerá o sol. Talvez um dia, do outro lado do mar,



INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DO BISPO D. ANTONIO ALVES MARTINS, EM VIZEU

(Cliché da «Mala da Europa»)

A inauguração d'este monumento, foi um dia de festa nacional na cidade de Viçeu, a que assistio o sr. Ministro da Guerra, como referimos em o n.º 1156 d'esta revista.

